

## **A CONSTRUÇÃO DO SUJEITO DO CONHECIMENTO NA PERSPECTIVA DA EPISTEMOLOGIA GENÉTICA DE PIAGET: REFLEXÕES PEDAGÓGICAS A PARTIR DE FERNANDO BECKER**

PAULA GERALDO PEREIRA<sup>1</sup>; CAMILA XAVIER VIEIRA<sup>2</sup>; JULIANA REIS DA SILVA<sup>3</sup>; DENISE NASCIMENTO SILVEIRA<sup>4</sup>

<sup>1</sup>Universidade Federal de Pelotas - paulageraldopereira@gmail.com

<sup>2</sup>Universidade Federal de Pelotas – camila.x.vieira89@gmail.com

<sup>3</sup>Universidade Federal de Pelotas - julianareis.matematica@gmail.com

<sup>4</sup>Universidade Federal de Pelotas – silveiradenise13@gmail.com

### **1. INTRODUÇÃO**

Este trabalho foi produzido no contexto da disciplina de Epistemologia da Matemática, pertencente ao Programa de Pós-Graduação em Ensino de Ciências e Matemática, Mestrado Profissional da Universidade Federal de Pelotas. A proposta da disciplina consiste em fomentar uma reflexão crítica sobre os fundamentos do conhecimento científico e suas implicações na prática educativa, em especial na formação do sujeito que aprende e ensina matemática.

No contexto das transformações educacionais contemporâneas, torna-se fundamental repensar o papel do sujeito no processo de aprendizagem. Por muito tempo, a tradição escolar esteve centrada na mera transmissão de conteúdos, desconsiderando o sujeito como protagonista da construção do conhecimento. A epistemologia genética de Jean Piaget, desenvolvida e reinterpretada por Fernando Becker, propõe uma abordagem que reposiciona o sujeito como centro ativo no processo educativo. Tal perspectiva valoriza a ação, a reflexão, a linguagem e a tomada de consciência como processos essenciais para a constituição do sujeito cognoscente.

Este artigo visa aprofundar a compreensão da constituição do sujeito do conhecimento a partir da epistemologia genética, evidenciando a contribuição teórica de Fernando Becker. O foco é analisar como os princípios piagetianos podem fundamentar uma prática pedagógica emancipadora, centrada na autonomia intelectual e moral do aluno e em sua capacidade de construir, investigar e transformar a realidade ao seu redor.

### **2. METODOLOGIA**

Este trabalho caracteriza-se como uma pesquisa qualitativa de caráter bibliográfico, fundamentada principalmente no capítulo 2 da obra "A origem do conhecimento e a aprendizagem escolar" (Becker, 2003), além de outras obras de Jean Piaget. O método utilizado foi a análise teórica e interpretativa, com o objetivo de extrair, sistematizar e discutir os principais conceitos relacionados ao sujeito do conhecimento segundo a epistemologia genética. A investigação seguiu os seguintes passos: (1) leitura integral do capítulo "O sujeito do conhecimento"; (2) identificação de conceitos-chave como sujeito, ação, abstração, fala e consciência; (3) articulação teórica entre Becker, Piaget e autores complementares; (4) elaboração de uma síntese reflexiva com implicações pedagógicas para o ensino.

### 3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Segundo Fernando Becker (2003), o sujeito do conhecimento é um centro ativo, espontâneo e auto-organizador, que constrói sua inteligência por meio da ação concreta sobre o mundo. Esse sujeito não nasce pronto, mas se constitui historicamente por meio de sua interação com o meio físico, social e simbólico. A epistemologia genética de Piaget oferece as bases para compreender essa construção como um processo contínuo e progressivo, no qual as estruturas cognitivas se formam a partir da interação entre o sujeito e o objeto.

Para Piaget, a ação é o ponto de partida para o desenvolvimento da inteligência. O sujeito, ao buscar o êxito em suas ações (ações de primeiro grau), inicia um processo que o levará à tomada de consciência por meio da reflexão (ações de segundo grau). É nesse momento que ocorre a abstração reflexionante, em que o sujeito se apropria das coordenações de suas ações, passando a compreendê-las em um novo nível.

Becker retoma esse conceito e enfatiza que a aprendizagem verdadeira não consiste em repetir ações, mas em compreendê-las. Compreender, nesse contexto, significa reorganizar a ação mentalmente, refletir sobre seus resultados, identificar seus mecanismos internos e reelaborá-la de modo mais complexo.

A linguagem, especialmente a fala, ocupa um papel central nesse processo. Para Piaget e Becker, a fala é uma forma de ação de segundo grau, pois ela permite reconstituir e reorganizar experiências em outro plano simbólico. Mais do que expressar pensamentos prontos, falar é organizar o pensamento. Becker alerta para a necessidade de a escola criar condições para que a fala dos alunos seja significativa e não meramente repetitiva. Dar a palavra ao aluno não basta: é preciso garantir que essa palavra seja construída com base em vivências, conflitos cognitivos, questionamentos e relações com o conhecimento.

Becker (2003) argumenta que o sujeito do conhecimento é uma síntese complexa entre dimensões biológicas, psicológicas e simbólicas. O sistema nervoso, os afetos, desejos e as relações culturais integram-se na constituição do sujeito que aprende. Isso implica dizer que não se trata apenas de ensinar conteúdos, mas de entender o sujeito como um ser integral, com histórias, emoções e necessidades singulares. Essa concepção desafia práticas escolares que ignoram a singularidade dos sujeitos e reduzem a aprendizagem a respostas certas e conteúdos fixos.

Diante dessa concepção construtivista, cabe à pedagogia criar condições para que os alunos desenvolvam sua autonomia intelectual e moral. A função do educador, nessa perspectiva, é a de organizador de situações que provoquem desequilíbrios e desafios cognitivos. A aprendizagem nasce do conflito e da tentativa de reorganização, não da mera exposição de conteúdos.

A avaliação, por sua vez, também deve ser revista. Em vez de enfatizar apenas resultados finais, a avaliação deve valorizar o processo, o esforço, os erros como parte essencial da aprendizagem. Como afirma Piaget, o erro não é falha moral, mas um indicador do estágio de desenvolvimento e um motor para novas aprendizagens.

Essa abordagem valoriza, ainda, a construção de um ambiente dialógico e cooperativo, em que o aluno possa exercer sua liberdade de pensar, perguntar e interagir. Trata-se de uma pedagogia comprometida com a emancipação do sujeito, com sua formação crítica e com o desenvolvimento da consciência de si e do mundo.

#### 4. CONCLUSÕES

A epistemologia genética, conforme desenvolvida por Piaget e interpretada por Fernando Becker, oferece uma base sólida para repensar o processo educativo. Mais do que uma teoria do conhecimento, ela propõe uma ética da educação: uma pedagogia que respeita o tempo, a singularidade e a autonomia do sujeito. Ao reconhecer o aluno como sujeito ativo e singular, essa abordagem reivindica uma escola comprometida com a formação da autonomia, da criticidade e da capacidade de interrogar o mundo.

Compreender a aprendizagem como resultado da interação entre sujeito e objeto, mediada por ação, fala e consciência, nos leva a repensar profundamente as práticas escolares. É necessário abandonar o ensino baseado em fórmulas e repetições e investir em estratégias que mobilizem o sujeito em sua totalidade — corpo, mente, emoção e cultura.

Essa perspectiva torna-se ainda mais urgente diante dos desafios educacionais atuais, marcados por desigualdades sociais, crises ambientais e avanços tecnológicos. Formar sujeitos conscientes, reflexivos e autônomos é a tarefa mais nobre e transformadora que a escola pode assumir.

#### 5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BECKER, Fernando. **A origem do conhecimento e a aprendizagem escolar**. Porto Alegre: Artmed, 2003. 115p.

PIAGET, Jean. **Seis estudos de psicologia**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1975.

PIAGET, Jean. **A epistemologia genética**. Petrópolis: Vozes, 1971.